

# **Esclarecendo equívocos comuns sobre Revoluções em Países Subdesenvolvidos**

Mustapha Khayati

1967

## 1

O papel eminentemente revolucionário da burguesia consiste em ter introduzido a economia na história de forma decisiva e irreversível. Como fiel dona desta economia, a burguesia tem sido, desde o seu aparecimento, a verdadeira (embora por vezes inconsciente) dona da “história universal”. Pela primeira vez, a história universal deixou de ser uma fantasia metafísica ou algum ato do Espírito do Mundo e se tornou uma realidade material tão concreta quanto a existência trivial de cada indivíduo. Desde o surgimento da produção de mercadorias, nada no mundo escapou ao desenvolvimento implacável deste *neo-destino*, a racionalidade econômica invisível: a lógica da mercadoria. Totalitária e imperialista em essência, exige todo o planeta como seu terreno e toda a humanidade como seus servos. Onde quer que a mercadoria esteja presente, só existem escravos.

## 2

Em resposta à coerência opressiva da burguesia em manter a humanidade na pré-história, o movimento revolucionário — um produto direto e não intencional da dominação capitalista burguesa — tem contraposto há mais de um século o projeto de uma coerência libertadora que é o trabalho de todos e de cada um, da livre e consciente intervenção na criação da história: a abolição real de todas as divisões de classe e a supressão da economia.

## 3

Onde quer que tenha penetrado — isto é, em quase todo o mundo, o vírus da mercadoria nunca para de derrubar as estruturas socioeconômicas mais ossificadas, permitindo que milhões de seres humanos descubram através da pobreza e da violência o tempo histórico da economia. Onde quer que penetre, espalha o seu caráter destrutivo, dissolvendo os vestígios do passado e levando todos os antagonismos ao extremo. Numa palavra, acelera a revolução social. Todas as muralhas da China desmoronam no seu caminho, e mal se estabelecendo na Índia quando tudo ao seu redor se desintegra e revoluções agrárias explodem em Bombaim, em Bengali e em Madras. As zonas pré-capitalistas do mundo aderem à modernidade burguesa, mas sem a sua base material. Também aí, como no caso do proletariado, as forças que a burguesia contribuiu para libertar, ou mesmo criar, vão agora voltar-se contra a burguesia e os seus servidores nativos: a revolução dos subdesenvolvidos está a tornar-se um dos capítulos principais da história moderna

## 4

Se o problema da revolução nos países subdesenvolvidos se coloca de uma forma particular, isso se deve ao próprio desenvolvimento da história: Nestes países, o atraso econômico geral — fomentado pela dominação colonial e pelas camadas sociais que o apoiam — e o subdesenvolvimento das forças produtivas impediram o desenvolvimento de estruturas socioeconômicas que teriam tornado imediatamente praticável a teoria revolucionária elaborada nas sociedades capitalistas avançadas durante mais de um século. À medida que entram na luta, nenhum destes países tem qualquer indústria pesada significativa e o proletariado está longe de ser a classe majoritária. É o campesinato pobre que desempenha esse papel.

## 5

Os vários movimentos de libertação nacional surgiram bem depois do destroçar do movimento operário resultante da derrota da revolução russa, que desde a sua vitória se transformou numa contra-revolução a serviço de uma burocracia que se afirmava comunista. Sofreram assim — seja conscientemente ou expressando uma falsa consciência — de todos os defeitos e fraquezas dessa contra-revolução generalizada; e com o peso adicional das suas condições geralmente atrasadas, foram incapazes de superar qualquer um dos limites impostos ao movimento revolucionário derrotado. É também precisamente por causa desta derrota que os países colonizados e semi-coloniais tiveram de lutar sozinhos contra o imperialismo. Mas porque lutaram apenas contra o imperialismo e apenas com uma parte do terreno revolucionário total, eles o expulsaram apenas parcialmente. Os regimes opressivos que se instalaram onde quer que as revoluções de libertação nacional se considerassem vitoriosas são apenas um dos disfarces pelos quais ocorre o regresso dos reprimidos.

## 6

Independentemente das forças que neles participaram, e independentemente do radicalismo das suas lideranças, os movimentos de libertação nacional sempre conduziram as sociedades ex-coloniais a formas modernas de Estado e a pretensões de modernidade na economia. Na China, imagem paterna dos

revolucionários subdesenvolvidos, a luta dos camponeses contra o imperialismo estadunidense, europeu e japonês acabou, devido à derrota do movimento operário chinês em 1925–1927, por levar ao poder uma burocracia de modelo russo. O dogmatismo Estalino-Leninista com o qual esta burocracia doura a sua ideologia — recentemente reduzida ao catecismo vermelho de Mao — nada mais é do que a mentira, ou na melhor das hipóteses, a falsa consciência, que acompanha a sua prática contra-revolucionária.

## 7

O Fanonismo <sup>1</sup> e o Castro-Guevarismo são a falsa consciência através da qual o campesinato realiza a imensa tarefa de livrar a sociedade pré-capitalista dos seus restos semifeudais e colonialistas e de ascender a uma dignidade nacional anteriormente pisoteada pelos colonizadores reacionários e pelas classes dominantes. O Ben-bellaismo, o Nasserismo, o Titoísmo e o Maóismo são as ideologias que sinalizam o fim destes movimentos e a sua tomada de poder pelos estratos urbanos pequeno-burgueses ou militares: a reconstituição da sociedade exploradora com novos senhores e baseada em novas estruturas socioeconômicas. Onde quer que o campesinato tenha lutado vitoriosamente e levado ao poder as camadas sociais que organizaram e dirigiram a sua luta, foi o primeiro a sofrer a sua violência e a pagar o enorme custo da sua dominação. A burocracia moderna, como a da antiguidade (na China, por exemplo), constrói o seu poder e prosperidade na superexploração dos camponeses: a ideologia não muda nada nesta questão. Na China ou em Cuba, no Egito ou na Argélia, em todo o lado desempenha o mesmo papel e assume as mesmas funções.

## 8

No processo de acumulação de capital, a burocracia cumpre o que era apenas o ideal não realizado da burguesia. Aquilo que a burguesia levou séculos a conseguir “por sangue e lama” <sup>2</sup>, a burocracia quer alcançar conscientemente e “racionalmente” dentro de algumas décadas. Mas a burocracia não pode acumular capital sem acumular mentiras: aquilo que constituiu o pecado original da riqueza capitalista é sinistramente referido como “acumulação primitiva socialista”. Tudo o que as burocracias subdesenvolvidas apresentam como, ou imaginam ser, socialismo nada mais é do que um neo-mercantilismo realizado. “O Estado burguês menos a burguesia” (Lenin) não pode ir além das tarefas históricas da burguesia, e os países industriais mais avançados mostram aos menos desenvolvidos a imagem do seu próprio desenvolvimento futuro. Uma vez no poder, a burocracia bolchevique não poderia encontrar nada melhor para propor ao proletariado revolucionário russo do que “seguir as lições do capitalismo de estado alemão”. Todas as chamadas potências “socialistas” nada mais são do que imitações subdesenvolvidas da burocracia que dominou e derrotou o movimento revolucionário na Europa. Tudo o que a burocracia é capaz de fazer ou é forçada a fazer não emancipará as massas trabalhadoras nem sequer melhorará substancialmente a sua condição social, porque esses objetivos dependem não apenas das forças produtivas, mas também da sua apropriação pelos produtores. No entanto, o que a burocracia não falhará em fazer é criar as condições materiais para realizar ambos.

A burguesia alguma vez fez menos que isso?

## 9

Nas revoluções burocráticas camponesas, apenas a burocracia visa consciente e lucidamente o poder. A tomada do poder é o momento histórico em que a burocracia toma posse do Estado e declara a sua independência face às massas revolucionárias antes mesmo de ter eliminado os vestígios do colonialismo e alcançado a independência efetiva das potências estrangeiras. Ao entrar no Estado, a nova classe suprime toda a autonomia das massas, fingindo suprimir a sua própria autonomia e se dedicar ao serviço das massas. Dona exclusiva de toda a sociedade, declara-se representante exclusiva dos interesses superiores dessa sociedade. Ao fazê-lo, o Estado burocrático é a realização do Estado Hegeliano. A sua separação da sociedade sanciona ao mesmo tempo a separação da sociedade em classes antagónicas: a união momentânea da burocracia e do campesinato é apenas a ilusão fantástica através da qual realizam conjuntamente as imensas tarefas históricas da burguesia ausente. O poder burocrático construído sobre as ruínas da sociedade colonial pré-capitalista não é a abolição dos antagonismos de classe; apenas substitui as novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta pelas velhas.

## 10

---

<sup>1</sup> Fanonismo: ver Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*.

<sup>2</sup> “Por Sangue e Lama”: Ver o capítulo sobre “Acumulação Primitiva” no *Capital* de Marx.

Os únicos realmente subdesenvolvidas são aquelas que veem um valor positivo no poder dos seus senhores. A pressa para alcançar a reificação capitalista continua a ser o melhor caminho para reforçar o subdesenvolvimento. A questão do desenvolvimento económico é inseparável da questão de quem é o verdadeiro dono da economia, o verdadeiro dono da força de trabalho. Todo o resto nada mais é do que falatório de especialistas.

## 11

Até agora, as revoluções nos países subdesenvolvidos apenas tentaram imitar o bolchevismo de várias maneiras. A partir de agora a questão é ir além disso através do *poder dos soviets*.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O poder dos *soviets*: Isso é, o Poder dos Conselhos Operários.

Biblioteca Anarquista



Mustapha Khayati  
Esclarecendo equívocos comuns sobre Revoluções em Países Subdesenvolvidos  
1967

<https://www.bopsecrets.org/SI/11.thirdworld.htm>  
Tradução por Insubordinados!

**bibliotecaanarquista.org**